



EDUCAÇÃO AMBIENTAL HÍDRICA E OS DESAFIOS PARA INSERÇÃO DOS SURDOS

Simone Assunção de Deus Melo¹, Carlossandro Carvalho de Albuquerque²

Introdução

A água além de ser a base de todas as formas de vida e estar presente no cotidiano das pessoas surdas, é algo que elas identificam mais facilmente como uma questão ambiental concreta, pois a visão é essencialmente o canal de assimilação para que compreendam todos os fatores competentes e orientações possíveis acerca da importância de conservação desse líquido precioso e que pode futuramente se tornar um recurso escasso no mundo. Dessa forma, é necessário habilitar e formar cidadãos sem exceção que lidem com a água como recurso que precisa ser cuidado e usado com consciência para que todos possam ter saúde e qualidade de vida, no entanto, fazendo uma varredura é muito notório a falta de materiais adaptados para pessoa surda, especificamente em Parintins, foi pensando nesses obstáculos que requerem soluções criativas e através de uma perspectiva acessível de informação prática e interativa que traduzida na sua língua materna (libras), possibilite tais práticas se tornar um instrumento pedagógico e ambiental, contribuindo essencialmente para difundir as ações individuais e coletivas no processo de preservação, conservação e sustentabilidade da água para comunidade surda de Parintins e das futuras gerações.

Objetivos

O principal objetivo do trabalho é analisar os desafios da pessoa surda na prática da educação ambiental hídrica, nos âmbitos físico e comunicacional, para promoção de possíveis soluções que tornem as práticas educativas mais acessíveis a comunidade surda de Parintins-Am.

Metodologia

A metodologia utilizada envolve uma abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica. Foram analisadas pesquisas anteriores sobre educação inclusiva, educação de surdos e práticas de educação ambiental,

além de entrevistas com educadores e intérpretes de Libras.

Essa combinação de métodos oferece uma abordagem sensível e respeitosa. As entrevistas dão voz direta aos participantes, e a observação participante aprofunda o entendimento, dando peso e autenticidade às narrativas da comunidade surda.

Segundo Cleber Cristiano (2013).

o pesquisador toma contato com a comunidade, o grupo ou a realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora. Presencia o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador. Isso, porém, não quer dizer que a observação não seja consciente, dirigida, ordenada para um fim determinado.

Essa abordagem permite explorar profundamente aspectos que surgem naturalmente durante uma conversa, indo além das respostas esperadas e revelando significados que não estavam previstos inicialmente, através de uma entrevista semiestruturada é especialmente útil em estudos que envolvem questões sociais complexas, como inclusão, identidade, relações comunitárias e políticas públicas.



Entrevista e Dialogo com a Comunidade Surda em Parintins -Am.

Fonte: Acervo próprio, 2025.

Organização



Apoio





Entrevista e Dialogo com a Comunidade Surda em Parintins -Am.

Fonte: Acervo próprio, 2025.

Resultados e discussões

O propósito deste estudo não é buscar verdades únicas, mas sim alcançar uma compreensão rica, variada e sensível às narrativas vividas pelos sujeitos.

Os resultados indicam que apesar dos avanços em termos de políticas públicas e legislações voltas para a inclusão de pessoas com deficiência, a prática de educação ambiental ainda apresenta muitos obstáculos no que tange à participação de pessoas surdas. Entre as principais dificuldades estão a falta de materiais pedagógicos adaptados, a carência de capacitação dos educadores ambientais para atuar com essa população e a ausência de tradutores interpretes de Libras em eventos e atividades de educação ambiental.

Portanto, observou-se que onde há investimento em acessibilidade e equipe com capacitação, as práticas de educação são mais eficazes e participativas, permitindo um aprendizado mais significativo e produtivo.

Considerações

O estudo conclui que a inserção dos surdos nas práticas de educação ambiental ainda é um grande desafio, porém, com a adoção de medidas mais acessíveis como a capacitação de educadores, o uso de materiais e tecnologias adaptadas e a presença de intérpretes, é possível promover uma educação ambiental que garanta a acessibilidade as pessoas surdas, possibilitando que elas exerçam plenamente sua cidadania, contribuindo para preservação ambiental, pois, dentro dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das nações unidas, precisamente direcionado para o ODS 04, assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover

oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos.

Portanto, é fundamental que tanto as políticas públicas quanto as iniciativas educacionais promovam a eliminação de barreiras que impedem a inserção dessa comunidade nas práticas de educação ambiental hídrica.

Referências

BRASIL. **Plano Nacional de Recursos Hídricos: Plano de Ação 2022-2040.** Agência Nacional das Águas e Saneamento Básico. Brasília, 2022.

BRASIL. Lei Federal nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 28 maio. 2024.

CHARALLO, T. **Elaboração de um glossário para apoio na aprendizagem de conceitos químicos para alunos surdos.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Londrina, 2016

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2016.

Revista Brasileira De Educação Ambiental (RevBEA), v.18, n.5, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/14992>. Acessado em: 25 de maio de 2025.

PERES, Almeida. A utilização da ilustração e da imagem artística na divulgação científica para surdos. 2012. Dissertação (Mestrado em Química Biológica) – Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012

Organização



Apoio

